

ENSINO E APRENDIZAGEM UTILIZANDO TECNOLOGIAS NA PERSPECTIVA INDÍGENA

Robson França do Cosmo¹
Zélia Maria Melo de Lima Santos²

RESUMO

Este estudo baseou-se em demonstrar a importância da tecnologia no ensino e na aprendizagem na perspectiva indígena. Sabe-se que a educação em regiões indígenas possui situação precária, oferecendo baixa qualidade de aprendizagem aos alunos. O motivo na maioria das vezes, é a falta de materiais didático-pedagógicos e má preparação do docente, e, é justamente por isso, a escolha do tema. Para nortear esse estudo, busca-se mostrar como efetivar um ensino e aprendizagem de qualidade utilizando as tecnologias em regiões indígenas. O principal objetivo é refletir sobre a importância da valorização cultural destacando a educação indígena e os recursos disponibilizados. Como referencial teórico para esse estudo, buscou-se autores como Valente (2015), Costa (2010), Porto (2006), entre outros. O presente estudo optou por uma revisão bibliográfica onde foi possível concluir que, apesar dos avanços obtidos na educação em geral ao longo do tempo foi possível observar que os desafios ainda são enormes quando se trata de educação indígena. Assim, é preciso que sejam investidos mais recursos e materiais para que os alunos recebam uma educação de qualidade respeitando-se sua cultura e língua nativa.

Palavras-chave: Educação Indígena, Ensino-aprendizagem, Tecnologia, Cultura.

INTRODUÇÃO

Este estudo se trata de uma revisão bibliográfica que aborda a importância da tecnologia no ensino e na aprendizagem na perspectiva indígena.

Sabendo dos diversos desafios encontrados nas várias regiões indígenas do país, esta pesquisa é de fundamental relevância para o estudo em geral sobre a valorização cultural, a educação com inserção das novas tecnologias e a questão da linguagem nativa. Nesse sentido, o estudo norteou-se com a finalidade de mostrar como se efetiva um ensino e aprendizagem de qualidade em regiões indígenas.

Este artigo teve como principal objetivo refletir sobre a importância da valorização cultural dos indígenas, abordando o conhecimento da situação educacional e apontando os

1 Mestrando do Curso de Mestrado em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade pela Associação Naturalis Ensino Superior. E-mail: jfc.grafica@yahoo.com.br.

2 Ph.D. em Gestão e Inovação Educacional pela Universidade Autônoma de Assunção – UAA. Dra. em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. Coordenadora da Associação Naturalis Ensino Superior. E-mail: zeliammelo@hotmail.com.



principais desafios na educação tecnológica desse povo, pois acredita-se que essa abordagem poderá auxiliar o processo de ensino e de aprendizagem para estes alunos, fomentando assim uma aprendizagem mais lúdica e significativa, que valoriza a cultura, a língua materna do estudante indígena e outras especificidades.

METODOLOGIA

O presente estudo optou por uma revisão bibliográfica tendo como fonte de pesquisa a fonte primária e secundária que contou com autores de artigos já publicados como Valente (2015), Costa (2010), Porto (2006), entre outros.

Assim sendo, esta pesquisa tratou-se de pesquisa qualitativa que trouxe no decorrer do estudo, posições de diferentes autores que contribuíram grandiosamente para a elaboração do mesmo.

EDUCAÇÃO INDÍGENA NO BRASIL

É notória a existência de grandes dificuldades no ensino em comunidades indígenas onde o acesso a educação muitas vezes é escasso e ainda, onde professores trabalham sem material didático necessário para um efetivo ensino e aprendizagem dos alunos.

Sabe-se que o fator linguístico e cultural pode estar relacionado às dificuldades apresentadas pelos alunos durante o processo de ensino-aprendizagem na disciplina.

Nesse sentido, Lima (2014, p. 06), colocam:

As comunidades indígenas, em sua grande maioria, mantêm a língua materna falada por seus antepassados. Raros os casos de comunidades mais próximas à sede falam no momento o português em detrimento da língua indígena. O português, portanto, nem sempre é a língua materna dessas populações.

Assim, Melgueiro (2012, p. 25), explica sobre o artigo 232 da Constituição de 1988:

No Art. 232, os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo. A partir da década de 80, emergiram muitas organizações indígenas no Brasil. Com a Federação, os indígenas obtiveram conquistas importantes, como a demarcação de terras e a educação escolar indígena, as quais foram as principais bandeiras de luta, desde o início do processo.



Melgueiro (2012, p. 25), menciona ainda que a lei de nº 145/2002 não interfere nas práticas escolares e não entra em contradição com a legislação de educação escolar indígena, além disso, o artigo 6º dessa lei diz que o uso das demais línguas indígenas faladas será assegurado nas escolas.

Assim sendo, a legislação garante que o direito de as escolas indígenas lecionarem a língua de sua comunidade está garantido na educação indígena. Essa lei visa garantir o direito dos cidadãos indígenas a compreenderem as formas de diálogo com os poderes públicos a fim de resolverem seus próprios conflitos.

De acordo com a UNESCO (2014), a língua materna da população mais jovem indígena está ficando escassa. Assim, existem etnias onde crianças não mais herdam a língua originária dos pais e isso acarreta uma perda de cultura motivada pelo advento da culturalização de outros povos indígenas.

Cavalcanti (2013, p. 23), diz que não é recomendado ignorar os contextos bilíngues de uma população pequena devido a possibilidade de serem encontradas várias comunidades indígenas em todo o território nacional. Porém, nem todos os autores pensam da mesma forma e são favoráveis a utilização da linguagem indígena nas escolas devido a existência de alunos indígenas que ali estudam.

A língua materna no ensino escolar não é muito bem aceita por alguns docentes e pais de alunos, pois estes não acreditam que a língua materna na aprendizagem seja importante para o seu desempenho.

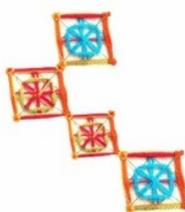
Nesse contexto, López (1996, p. 6), contradiz:

Diversos estudos realizados em diferentes contextos na América Latina mostram que os alunos que participam de programas de Educação Intercultural Bilíngue aprendam mais facilmente a ler e a escrever na sua língua materna e que esses resultados são transferidos em cursos mais avançados, uma vez que já domina o espanhol oralmente, lendo e escrevendo no segundo idioma. Neste sentido, as investigações realizadas no México são conhecidas, na Guatemala, Colômbia, Bolívia e Peru.

Cavalcanti (2013, p. 23), reitera dizendo que a educação na língua materna é fundamental para os alunos aprenderem outras línguas, além disso, ensinar na língua materna nativa não significa uma coisa retrógrada.

Assim, Galdames, Walqui e Gustafson (2006, p. 18), abordam:

Ao aprender sua língua materna, cada menino e menina é registrado dentro de uma cultura, que influenciará fortemente a visão que irá construir sobre o mundo. Quando as crianças percebem que sua



cultura e linguagem constituem valores para outros, que são reconhecidos como legítimos e valiosos nos contextos sociais em que se desenvolvem, sua imagem pessoal e sua identidade sociocultural serão de orgulho e confiança. Para além da família, a escola é o principal contexto em que as crianças podem viver experiências de interação social nas quais esta construção de uma identidade cultural sólida pode ser realizada com base em oferecer-lhes uma continuidade entre a linguagem que eles usam em sua vida diária e que é usado em situações de aprendizagem escolar.

A população indígena sofre desde a muito tempo com opiniões contrárias a defesa da língua materna, e por isso, com o intuito de se relacionarem melhor com outros povos, atualmente a maioria da população indígena exige e exerce o direito de aprender alguma língua para que tenha as mesmas possibilidades e direitos dos demais na sociedade.

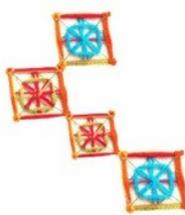
López (1996, p. 6), acrescenta que algumas comunidades indígenas acreditam de forma equivocada, que a educação na língua materna poderá impedi-los de aprender outras línguas, mas na verdade, é que ensinar na língua materna dentro de um contexto bilíngue, proporciona uma aprendizagem muito eficaz e abre portas para a aprendizagem de outras línguas.

Cabe ressaltar que o direito à educação bilíngue no contexto indígena é um direito fundamental e nenhum indivíduo deve se privar de usar sua própria língua. Assim, fica explícita a importância de aderir a língua indígena nos conteúdos pedagógicos das escolas devido sua clara contribuição para uma melhora no aprendizado dos alunos.

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS/TECNOLÓGICAS PARA A APRENDIZAGEM INDÍGENA

É notório que os avanços na prática educativa são feitos através de análise de algo que já existe e de experiências positivas e ainda daquelas que necessitam de um aprimoramento. Assim, Manzini (2007, p. 127), explica que os roteiros propostos são caracterizados como ferramentas alinhadas e com orientações sistematizadas capaz de oportunizar os alunos. Diante disso, John Biggs (2011, p. 22), ensina que as reflexões são indispensáveis para a compreensão efetiva dos conteúdos, e, paralelamente, possibilita a observação e análise dos processos cognitivos envolvidos.

Para a preparação dos roteiros utiliza como fundamento os pressupostos do Alinhamento Construtivo, pois estes fundamentos oportunizam orientações para o planejamento das atividades de ensino e para as atividades de aprendizagem para a aceção



dos resultados almejados da aprendizagem e para a definição dos critérios de avaliação, indicando como se deve avaliar: quais habilidades, a que nível de complexidade e quais formatos de avaliação podem ser utilizados.

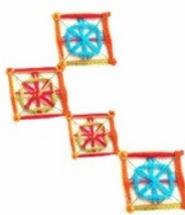
O alinhamento construtivo, conforme John Biggs (2011, p. 22), pode ser entendido como uma maneira de planejar o ensino de tal modo que as ações de ensino e avaliação estejam cuidadosamente alinhadas e, os estudantes sejam engajados ativamente para o alcance dos resultados pretendidos da aprendizagem. O alinhamento construtivo é um modelo de prática de ensino que se concentra nos resultados de aprendizagem que se pretende que os alunos alcancem e fornece orientações práticas aos professores sobre como planejar suas aulas, levando em consideração a perspectiva dos alunos, de tal modo a mantê-los interessados de forma produtiva.

Sabe-se que nem todas as localidades indígenas tem um espaço próprio para desenvolver na prática do ensino e aprendizagem da montagem e manutenção de computadores, por exemplo. Diante disso, o ensino de equipamento físico do computador está ligado a Montagem e Manutenção. É uma disciplina que exige vários recursos disponibilizados para executar na prática, e como já dito anteriormente, nem todas as escolas possuem estrutura física para isso. Assim sendo, os alunos precisam entender as técnicas de diagnósticos além da instalação dos computadores e isso, resulta em uma despesa considerada alta diante das carências de estrutura e material nas escolas.

Assim, é preciso investir em outros meios de aprendizagem para que os alunos possam aprender o conteúdo, e nesse caso, o professor precisa explorar os outros meios e métodos de ensino que podem proporcionar isso aos alunos indígenas. Contudo, quanto ao exemplo dado no parágrafo anterior relacionado a manutenção e montagem de computadores, já é possível encontrar em algumas escolas, várias abordagens deste conteúdo através de mídias, ilustrações, vídeos dentre vários outros instrumentos que auxiliam no aprendizado.

Diante das diversas deficiências encontradas no sistema de ensino indígena, uma forma muito eficiente de tentar diminuir estes problemas é a utilização de objetos de aprendizagem na modalidade simulação para exercitação, assim, com a sua utilização, o aluno terá a oportunidade de ter contato virtualmente com os equipamentos e componentes do computador, tendo ainda, a chance de manipular, instalar, configurá-lo de muitas maneiras com a presença e orientação do professor durante a aula a fim de se evitar eventuais danos causados através de alguma instalação elétrica ou até mesmo por erro dos alunos.

Santos e Azevedo (2015, p. 27), explicam que uma ótima ferramenta de ensino principalmente na região indígena é o infográfico sendo ele um excelente instrumento para



despertar o interesse e a curiosidade no leitor, pois, desperta também o desejo de descobrir as informações que estão sendo dispostas através de imagens, desenhos, tabelas ícones, gráficos e textos.

O infográfico é uma ótima alternativa para explicar um determinado assunto ou dado de forma leve e criativa. Atualmente, roteiros de aprendizagem através dos infográficos têm ganhado espaço nas áreas de comunicação, mídia e publicidade e a utilização deste recurso visual tem ficado cada vez mais nítido. É comum acessar a internet e se deparar com várias informações sendo passadas através da integração de imagens e textos, isso porque a mensagem fica mais bonita e atraente.

Nesse sentido, Bulegon, Drescher e Santos (2017, p. 2), afirmam:

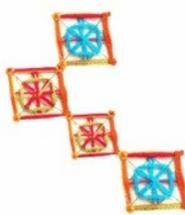
Os infográficos são uma forma de representação gráfica de informações e tornaram-se uma tendência da comunicação virtual, na atualidade. Além disso, as informações transmitidas neles são atraentes, rapidamente percebidas e sua compreensão é quase instantânea.

Ressalta-se que este recurso visual não pode ser visto simplesmente como uma ferramenta que desperta a atenção do leitor, se não passar a informação de forma clara e objetiva, de nada terá valor a sua utilização. Assim sendo, Santos e Azevedo (2015, p. 27), diz que as informações devem ser apresentadas de forma simples e prática, utilizando-se da associação de imagens e textos, o que não é importante ser passado, não deve conter no infográfico, direcionando-se assim o foco para a informação principal que se quer chegar.

Soares e Oliveira (2015, p. 43), diz que a utilização de infográficos no contexto educacional é pouco explorada por professores, mas, embora ainda esteja engatinhando de forma tímida, tem grande potencial de utilização em sala de aula.

Cortes e Maciel (2014, p. 23), defendem a importância dos infográficos nos dias atuais, pois os jovens leitores desta nova geração são predominantemente visuais e aliar imagens a textos facilita o entendimento e o aprofundamento de determinado assunto. Já Braga e Calazans (2001, p. 21), dizem que quando certos conceitos, lógicas e mecanismos são apresentados de forma visual, fica mais fácil compreender, por tornar o assunto em questão mais prático e real para o aluno.

Soares e Oliveira (2015, p. 43), destacam as potencialidades da utilização dos infográficos no contexto educativo, pois facilitam a memorização do aluno, estimulam a atenção do discente, facilitam a exploração e revisão do conteúdo por parte do estudante, pode ser alocado em ambientes e plataformas de ensino e aprendizagem e desenvolve as



habilidades cognitivas do aluno. Os conteúdos dispostos em infográficos são recordados mais facilmente do que em apenas textos.

A aprendizagem do aluno pode ocorrer de forma não linear ao desbravar os infográficos, pois, pode-se utilizar outros recursos multimídias aliados aos infográficos. Esses, permitem a visualização de processos curtos e longos, pode ser lido várias vezes até que se tenha o entendimento completo de um processo, e pode ser utilizado como fonte de informação, recurso didático, exploração visual e ainda para resolução de problemas ou questões elaboradas pelo professor.

Para Santos (2015, p. 27), a utilização dos infográficos nas escolas tem grande potencial, pois sua utilização em sala de aula, trará até o aluno uma linguagem mais atraente que certamente despertará nos mesmos a curiosidade e o interesse em desbravar os conteúdos trazidos por meio dos elementos gráficos e visuais que estão sendo dispostas através de imagens, desenhos, tabelas, ícones, gráficos e textos, tornando-se assim uma verdadeira arma na construção do ensino e aprendizagem que podem trazer resultados excepcionais para a aprendizagem do aluno.

Mediante as situações colocadas nesse estudo, a formação do professor toma uma importância enorme para o trabalho tanto com as tecnologias como nas regiões indígenas.

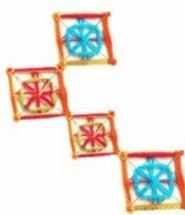
Nesse sentido, Candau (1998, p. 139), aponta em seu texto sobre "pluralismo multicultural, cotidiano escolar e formação de professores", argumentando que as questões culturais e seus impactos sobre a escolarização não têm sido incluídos de forma explícita e sistemática nos processos de formação docente. Defende que os processos de escolarização e formação de professores muito têm a se beneficiar com os estudos culturais, que trazem à reflexão discussões instigantes e polêmicas, bem como oferecem novas visões que podem aprofundar a análise da problemática enfrentada pelos educadores no cotidiano das escolas.

Assim, é preciso investir na formação do professor para que o mesmo possa efetivar um trabalho de qualidade em qualquer localidade onde esteja inserido.

DESAFIOS NA EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA INDÍGENA

É fato que as comunidades indígenas ainda sofrem com o acesso às tecnologias educacionais.

Para Valente (2015, p.16), na educação de maneira geral, a informática tem sido utilizada “tanto para ensinar sobre computação, o chamado *computer literacy* (conhecimentos de informática), como para ensinar praticamente qualquer assunto por intermédio do



computador” (VALENTE, 1993, p.16). Essa forma de ensinar tem ganhado cada vez mais espaço na educação e sua importância é cada vez maior no processo educacional.

Para tanto, Nascimento e Hetkowski (2009, p. 400), salientam:

Inserir a Informática na educação não é apenas adquirir equipamentos e programas de computador para a escola. O sucesso e a eficácia de um projeto educacional que utiliza a informática como mais um recurso, no processo pedagógico, exige capacitação e novas atitudes dos profissionais da educação diante da realidade e do contexto educacional. Conhecimento, visão crítica e consciência do educador em relação ao seu papel são fundamentais. O(a) professor(a) deverá estar capacitado(a) para fazer a integração da informática com sua proposta de ensino e da escola, devendo estar aberto a mudanças e disposto a assumir um novo papel: o de facilitador(a) e coordenador(a) do processo de ensino-aprendizagem.

É notório que o uso das TICs oferece diversos benefícios para os alunos no que diz respeito aos avanços científicos. Assim, é preciso que o professor saiba utilizar as ferramentas disponíveis de maneira correta a fim de proporcionar da educação tecnológica o que o aluno precisa aprender.

Nesse sentido, vale ressaltar que, nem todas as instituições de ensino estão prontas para ensinar uma disciplina como a Montagem e manutenção de computadores, por exemplo. Isso se deve ao fato de que, muitas escolas não estão preparadas didaticamente para oferecer o ensino tecnológico de qualidade aos alunos.

Assim sendo, os professores precisam se reinventar de modo que consigam passar o conhecimento adequado para os alunos. Muitos professores precisam recorrer a outros meios e métodos de ensinar a disciplina porque em regiões mais afastadas não contam com uma boa estrutura tecnológica e nem um espaço correto como um laboratório de informática.

Diante disso, o grande desafio da atualidade no que se refere à educação tecnológica nas escolas, principalmente indígenas, está em planejar e administrar a utilização de computadores.

É fato que a cultura digital está inserida nos mais diversos e variados espaços da sociedade, porém, esse recurso ainda encontra dificuldade de ser usufruído nas rotinas educacionais e pedagógicas. Contudo, a grande questão é como aproximar a escola das tecnologias e fazer com que, mesmo sem a devida estrutura e com as dificuldades de acesso a internet, os alunos consigam aprender.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Percebe-se que, apesar dos avanços obtidos na educação em geral ao longo do tempo é possível observar que os desafios ainda são enormes quando se trata de tecnologia e educação indígena.

Assim, Valente (2015, p. 17), coloca:

A inclusão dos indivíduos nas novas tecnologias à medida que aprendem e reestruturam sua língua indígena não é simplesmente capacitá-los para que sejam capazes de interagir com as máquinas; o desafio é promover uma mudança social com foco na preservação de sua identidade cultural, em especial, no seu vocabulário.

Dessa forma, é preciso que sejam investidos mais recursos materiais e tecnológicos para que os alunos recebam uma educação de qualidade e que respeite sua cultura e língua nativa.

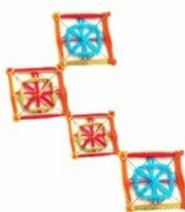
Nesse sentido, Costa (2010, p. 5), assegura:

É neste sentido que defendemos a utilização dos recursos tecnológicos, como forma de garantir que os jovens indígenas tenham acesso a cultura ocidental, mas que também possam recorrer aos avanços para se fazer visível e pertencentes à sociedade. O índio não pode ser tratado como um mero espectador, mas deve ser também protagonista de suas histórias.

A criação de material didático-pedagógico na língua portuguesa e indígena têm como objetivo possibilitar a esses alunos uma alternativa para o desenvolvimento de suas habilidades através da utilização de recursos tecnológicos que tem sido amplamente utilizado nos meios de comunicação digital, embora ainda não seja muito utilizado no meio educacional.

Para tanto, Costa (2010, p. 62), assevera:

A utilização das mídias também passa na concepção dos índios como instituições importantes de divulgação de identidades e de visibilidades. É interessante destacar que os indivíduos e as formas de relação entre eles são alimentadas pela mídia porque a maior parte dos conhecimentos acerca do mundo, dos modelos de papel, dos valores e dos estilos de comportamento chega à mente humana não pela experiência direta do mundo físico e das relações com os outros, mas cada vez mais pela mediação dos meios de comunicação. E diversas questões passam a habitar a mente humana, a partir da discussão por esses meios. Esses meios se tornam fundamentais como suportes de inclusão e exclusão sociais e de controle das coisas que acontecem no mundo.



Outro ponto importante a se discutir é com relação a formação dos professores. O professor deve trabalhar em consonância com os parâmetros legais que regem a formação superior indígena, verificados a partir da Resolução nº 5, de 22 de Junho de 2012, que estabelece que a educação formal das populações indígenas deve ser constituída em um espaço onde possibilite que as relações interétnicas se constituam a partir da afirmação do sujeito em relação ao outro, dialogando, conhecendo e se reconhecendo como tal, e neste sentido, as disciplinas que trabalham as Tecnologias de Informação e Comunicação são importantes para que o professor possa desempenhar bem o seu papel.

Nesse sentido, Porto (2006, p. 50), evidencia:

[...] a novas experiências, novas maneiras de ser, de se relacionar e de aprender, estimulando capacidades e ideias de cada um; proporcionando vivências que auxiliem professores e alunos a desenvolverem a sensibilidade e a refletirem e perceberem seus saberes (de senso comum) como ponto de partida para entender, processar e transformar a realidade.

Contudo, ao utilizar as tecnologias como recurso pedagógico para o ensino, o docente toma ciência de que está contribuindo para a construção criativa do conhecimento e o aluno tem a oportunidade de mudança de postura, o que pode contribuir para ajudar a população indígena a melhorar a qualidade de vida da região onde se insere.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo expor a importância da utilização de materiais didático-pedagógicos em escolas indígenas, propondo-os como ferramentas pedagógicas que podem ser utilizadas pelos professores e alunos nessas regiões. Dessa maneira, o objetivo do trabalho foi alcançado quando a literatura apresentada mostra essa importância em relação ao pedagógico na direção da incorporação do trabalho com as tecnologias.

Pode-se notar que a utilização de materiais didáticos pedagógicos, inclusive tecnológicos, voltados ao estudante indígena nas salas de aula é importante, pois é capaz de proporcionar uma aprendizagem centrada nos conhecimentos que já possui em relação ao ambiente em que vive.

Ao mesmo tempo, o estudo aponta para uma precarização tanto das escolas indígenas quando se leva em conta os recursos tecnológicos, quanto à formação dos professores que não são preparados para exercer o trabalho pedagógico nas comunidades indígenas de forma que atenda às suas reais necessidades.



A partir disso, ficou evidente que ter contato com materiais e recursos que possam facilitar o entendimento do conteúdo abordado em sala de aula na língua nativa, torna o ensino dos alunos indígenas mais eficaz, e ao mesmo tempo, há a valorizando da cultura, da língua, leitura e escrita dos mesmos, culminando na verdadeira aprendizagem tão necessária aos povos indígenas.

REFERÊNCIAS

BIGGS, J. **Constructive alignment in university teaching**. HERDSA Review of Higher Education, v. 1, p. 22. 2011.

BULEGON, A.M.; DRESCHER, C.; SANTOS, L.R. **Infográficos: possibilidade de atividades de ensino para aulas de Física e Química**. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC., p. 2. 2017 Disponível em: <<https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/artigoPDF/30184>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. **Comunicação e educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker Editores, p. 21. 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB no. 5, de 22 de junho 2012**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. MEC/CNE/CEB, 2012.

CANDAU, V. M. **Formação continuada de professores: tendências atuais**. In: REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues, MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti (orgs.). *Formação de professores: tendências atuais*. São Carlos: Editora da UFSCar, p. 139. 1998.

CAVALCANTI, M. C. **Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues**. In: Moita Lopes, Luiz Paulo. (Org.). *Linguística Aplicada na Modernidade Recente - Festschrift para Antonieta Celani*. 1ª. ed. São Paulo: Parábola, v. 1, p. 23. 2013.

CORTES, T.; MACIEL, R. **A infografia multimídia como recurso facilitador no ensino-aprendizagem em sala de aula**. Inter Science Place Edição 29, vol. 1, artigo nº 1, abril/junho, p. 23. 2014.

COSTA, A. C. A comunidade indígena e o mundo tecnológico: reflexões sobre os impactos das mídias sociais na vida dos Aikewára. **Anais Eletrônicos**. 3º Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação. Redes sociais e aprendizagem., p. 5 e 62. 2010. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwirxry048XrAhUIJrkGHdLzCt4QFjAAegQIAhAB&url=http%3A%2F%2Fwww.nehte.com.br%2Fsimposio%2Fanais%2Fanais-Hipertexto-2010%2FAlda-Cristina-Costa.pdf&usq=AOvVaw0NUZjsLNhbRWbnWIC8uymo>

Costa.pdf&usq=AOvVaw0NUZjsLNhbRWbnWIC8uymo. Acesso em: 31 ago. 2020.



LIMA, R. J. **Variação Linguística e os livros didáticos de Português.** In: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (orgs.). Ensino de português e sociolinguística. São Paulo: Contexto, p. 6. 2014.

LÓPEZ, M.A. La selección documental. **Revista General de Información y Documentación**, 143160, p. 6. 1996. Disponível em:<:///C:/Users/USUARIO/Downloads/12074-12155-1-PB%20>. Acesso em 15 ago. 2020.

MANZINI, N. I. J. Roteiro pedagógico: um instrumento para a aprendizagem de conceitos de física. **Ciência & Educação**, v. 13, n. 1, p. 127. 2007.

MELGUEIRO, Z. H. **A situação sociolinguística nas escolas indígenas.** Irmã Inês Penha e Dom Miguel Alagna na cidade de São Gabriel da Cachoeira (AM) / Zilma Henrique Melgueiro. – Recife: O Autor, p. 25. 2012. 127 p. Disponível em:<https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/11650/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Zilm.>. Acesso em: 15 ago. 2020.

NASCIMENTO, A. D.; and HETKOWSKI, T. M., orgs. **Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas.** Salvador: EDUFBA, p. 400. 2009. ISBN 978-85-232-0872-1. Disponível em:< https://static.scielo.org/scielobooks/jc8w4/pdf/nascimento-9788523208721.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2020.

PORTO, T. M. E. As tecnologias de comunicação e informação na escola; relações possíveis... relações construídas. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 31 jan./abr., p. 50. 2006.

SANTOS, R; AZEVEDO, J. Literácia(s) digital(ais): definições, perspectivas e desafios. **Revista Média & Jornalismo**, v. 15, p. 27, 2015.

SOARES, F.; OLIVEIRA, S. **A tecnologia mediando aprendizagens nas escolas indígenas.**, p. 43. 2015. Disponível em:< A tecnologia mediando aprendizagens nas escolas indígenas>. Acesso em 09 de Ago. de 2020.

UNESCO. **Enfoques estratégicos sobre las TIC en educación en América Latina y el Caribe.** 2014. Disponível em: < http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002232/223251s.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2020.

VALENTE, J. A. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação /** Organizadores, Lilian bacich, Adolfo tanzi Neto, Fernando de Mello Trevisani. – Porto Alegre: Penso, p. 16-17. 2015.